



ARTIGO

POTY, ENTRE DOIS MUNDOS

MARIA JOSÉ JUSTINO
ABCA/PARANÁ

RESUMO: A mostra *Poty entre dois mundos* é um recorte da maior coleção já doada ao Museu Oscar Niemeyer - MON, com 4500 obras, em diversas técnicas, oferta generosamente efetuada pelo irmão do artista, João Lazzarotto, em 2021. Nessa exposição, que apresenta apenas 2,9% da doação, o público tem a oportunidade de explorar um Poty ambivalente: a experiência mítica e transgressiva, a contemplação e os sentidos, o amor divino e o carnal. Tudo desvendado por um grande narrador por meio de imagens articuladas: dos desenhos às metálicas gravadas, xilogravura, litografia, além de escultura e mural.

PALAVRAS-CHAVE: Poty Lazzarotto; Sagrado e Profano na Arte; Arte Paranaense

ABSTRACT: The exhibition *Poty between two worlds* is a selection of the largest collection ever donated to the Oscar Niemeyer Museum - MON, with 4500 works, in various techniques, generously offered by the artist's brother, João Lazzarotto, in 2021. In this exhibition, which presents only 2.9% of the donation, the public has the opportunity to explore an ambivalent Poty: the mythical and transgressive experience, the contemplation and senses, the divine and carnal love. All unveiled by a great narrator through articulated images: from drawings to metálicas engravings, woodcut, lithography, as well as sculpture and mural.

KEYWORDS: Poty Lazzarotto; Sacred and Profane in Art; Art of Paraná



Fig. 1: Poty Lazzarotto, sem título, 1948. Gravura em metal. Foto: Reprodução.

“O mundo profano é o universo das interdições, enquanto o mundo sagrado corresponde ao das transgressões.”

Bataille

Doação extraordinária que a família de Poty Lazzarotto generosamente entrega ao público, alojada no Museu Oscar Niemeyer - MON, em Curitiba. São mais de 4500 obras em diversas linguagens: gravura em metal - água-forte, água-tinta, ponta-seca -, xilogravura, litografia, serigrafia, desenho, entalhe e escultura, além de objetos de uso artístico do artista, pincéis etc. Dono de um desenho primoroso e um gravador excepcional, Poty foi grande em muitos temas: o trabalhador (em especial os ferroviários), a guerra, a cidade, a história (narrada sobretudo nos imensos murais a céu aberto), os indígenas (em 1967, Poty albergou-se no Parque Indígena do Xingu), os santos (em especial, São Francisco), mulheres da família às prostitutas e as cenas do cotidiano. Em todos ele é ímpar.

Nesse primeiro momento em que se

revela esse acervo ao público, optamos por uma pequena entrada no conjunto da coleção, dando uma ideia geral desse tesouro. Apresentamos na sala do 1º andar da Torre uma pequena introdução que busca dar conta do vultoso legado, com uma amostra das técnicas e dos temas. Em seguida, em outra sala (térreo), fizemos dois recortes que vagueiam entre o sagrado e o profano, instâncias que muitas vezes se cruzam. Nessa sala, no que concerne ao profano, o público terá uma entrada, por meio sobretudo de desenhos, em boa parte das obras ainda inéditas. Trata-se de uma profícua produção de Poty nos anos sessenta, mas que também aparece, em produção menor, em outros tempos e em outras técnicas.

Nas duas salas, temos tempos diferentes. Tempo “dividido em tempo profano e tempo sagrado, sendo o primeiro o tempo ordinário, o do trabalho e do respeito aos interditos, e o segundo, o tempo da festa, isto é, essencialmente o da transgressão aos interditos” (Caillois. In Bataille: 166).

Os santos de Poty são muito conhecidos,

em especial São Francisco, por ele desenhado, talhado e gravado inúmeras vezes. Poty era religioso? Como filho de italianos católicos, tem lá a sua parcela de religiosidade, mas não no sentido de um homem de Igreja. Mesmo porque Poty faz parte de uma geração herdeira da industrialização que contribuiu para a dessacralização do cosmos. Mas permanecem em Poty vestígios do sagrado, uma vontade de comunicação com o transcendental. Creio que ele se aproxima da religião muito mais no entendimento de religar, do latim *religare*. Nesse sentido, não precisa necessariamente estar vinculado a uma religião louvando aos deuses para ser religioso. A ligação ao outro, à natureza e, no caso de Poty, a sensibilidade pelos trabalhadores são o atestado de empatia que o situa no *religare*. Até porque a religião “nunca pretende esclarecer o mistério do homem, apenas o confirma e aprofunda” (Cassirer: 31). Parodiando Buñuel, Poty *continua ateu, graças a Deus*.

Sagrado significa *separado*; desligar um mundo de outro. Desse modo, conduz à transcendência: “O homem tende a

manter-se distante do sagrado. Como sempre acontece diante do que se teme, e ao mesmo tempo é por ele atraído” (Galimberti: 11). “É sagrado o que é objeto de uma proibição” (Bataille: 13). Encontramos o sagrado especialmente na experiência religiosa, mas também em outras instâncias que elaboram na sublimidade, dos xamãs aos visionários, em todo o universo mítico ou mergulhado no espiritual, naqueles que acreditam em realidades que transcendem o mundo imediato. O tempo moderno é o da dessacralização. “O homem moderno a-religioso assume uma existência trágica” (Eliade: 165): viver sem Deus ou deuses, sem mitos, sem verdades eternas. É possível viver sem Zaratustra, sem a incongruência entre o bem e o mal? Permanece em nós a presença do sagrado manifesto no inconsciente, na medida em que “o inconsciente apresenta uma aura religiosa [...] o homem mais francamente a-religioso partilha ainda, no mais profundo de seu ser, de um comportamento religiosamente orientado” (Eliade: 171); “a não religião equivale a uma nova queda do homem” (Eliade: 173).

“NESSE RECORTE NO TRABALHO DE POTY, UMA PERGUNTA QUE NADA TEM DE ORIGINAL: TRATA-SE DE EROTISMO, PORNOGRAFIA OU OBSCENIDADE? DIFERENÇAS TÊNUES OU ABISMAIS? SÃO FRONTEIRAS INSTÁVEIS, QUE PERTENCEM AO UNIVERSO MAIS DA PAIXÃO QUE DA CIÊNCIA...”

No plano erótico, o universo humano vagueia entre o desejo e sua proibição. Desejo e prazer, instâncias próximas e diferentes. É nessa vertente erótica que permanece inédita uma parte da obra de Poty (são mais de 4500 desenhos e gravuras, aqui selecionamos apenas 129, ou seja, 2,9% da doação), ainda ignorada por estudiosos e público.

Sabemos que o erotismo perpassa a história da arte. “O erotismo (culto de Eros, ou do amor sensual) impregna as manifestações artísticas desde as cenas de caça da pintura rupestre, passando pela perfeição das formas da escultura clássica grega e pela poesia, música e pintura da Renascença, até matizar todas as formas de manifestações artísticas modernas” (Melotto:15).



Nesse recorte no trabalho de Poty, uma pergunta que nada tem de original: trata-se de erotismo, pornografia ou obscenidade? Diferenças tênues ou abismais? São fronteiras instáveis, que pertencem ao universo mais da paixão que da ciência. A ciência fala de fora, sobrevoa as coisas; a arte habita o ser. Eros conduz à arte. Todavia, “tudo o que é erótico é necessariamente pornográfico, *com algo mais*”, diria Alexandrian (p. 6), enquanto, para outros críticos, “o valor literário da pornografia é nulo” (Sontag: 5). O *algo a mais* é o trabalho do artista. Poty é erótico e não pornográfico, pois é salvo pela dimensão artística. O erotismo não deixa de ser uma expressão da sexualidade, mas também pode morar em outras instâncias. “O erotismo é abordado como uma experiência ligada à vida, não como um objeto de uma ciência, mas da paixão, mais profundamente, de uma contemplação poética” (Bataille: 8).

Poty, o artista, cria inspirado por Eros. Nele o erotismo é o trabalho artístico sobre a matéria bruta, o sexo além do biológico, o erotismo dos corpos. Não encontramos nele nada do refinamento erótico de um Delacroix ou Ingres. A nudez ultrapassa a alegoria. Longe do erotismo sagrado, Poty inclina-se para o erotismo carnal de Courbet e Dalton Trevisan (a personagem A Polaquinha). A sexualidade é por ele tratada com rudeza, a realidade nua e crua. Realismo e sexualidade. Nesses desenhos, Poty é

Fig. 2: Poty Lazzarotto, sem Título, 1967. Desenho, tinta hidrográfica sobre papel. Foto: Reprodução.

direto, sem subterfúgios. É matéria, concretude, carne. Vemos as mulheres de Poty como objetos de desejo do homem. A mulher é o desejo, sempre apresentada com delicadeza; o homem é a força. Também não encontramos em Poty nada da ternura do minotauro de Picasso. Tampouco a sublimação espiritual ou o Êxtase de Santa Tereza de Bernini. Antes, a crueza da matéria. Em Poty, a sensualidade pertence ao universo feminino, formas sensuais e eróticas. O homem é tratado quase que caricaturalmente, enquanto a mulher guarda traços graciosos, uma elegância no desenho. O homem é cáustico, tosco.

Os nus de Poty têm atrás Frineia, o seu primeiro deslumbramento com o nu artístico. “Foi no *Eu sei tudo* que eu ouvi falar, pela primeira vez, em Frineia: os juízes da Grécia Antiga e ela peladinha da silva, magnificamente ilustrada por Matamia” (Poty. In Xavier: 55). Também em *A Visita do Velho Senhor*, conto narrativo em imagens de Poty (uma sequência de quinze litografias), encontramos desenhos da relação entre homem e mulher. Narrativa em imagens, pois “o

ato de narrar não é de nenhuma maneira uma obra apenas da voz. A verdadeira narrativa não prescinde dos gestos conscientes da mão” (Benjamin:80). A imagem acontece na poesia.

Entre desejo e prazer, surge um desenho expressivo, uma poética, ou seja, o tratamento estético garante a sensualidade, o erótico. Trata-se de uma poética realista. Poty é direto, não está interessado em lições de moral, afinal não é esse o papel da arte. Para o filósofo alemão Hegel, a finalidade da arte não é despertar todas as paixões possíveis, tampouco é o abrandamento da barbárie, nem é *fabula docet*. Ao contrário, “os interesses da arte são quase idênticos aos da inteligência” (p. 98); na arte, como no pensamento, é a verdade que procuramos. Em Poty, trata-se da verdade da sexualidade. São mulheres à margem...

Longe dos vivos, errantes,
condenadas,
Ao longo do deserto fremi sós;
Cumprí vosso destino, almas
desordenadas,
E fugi do infundável que trazeis em
vós! (Baudelaire, 347)



Fig. 3: Poty Lazzarotto, *São Francisco*, déc. 1980. Gravura em metal. Foto: Reprodução.

Embora com uma abordagem explícita do sexo, os desenhos trazem outro sentido, mediação entre o ato real e a imaginação: o erotismo não deixa de ser uma expansão do desejo. A crueza da relação sexual é visível na rudeza do ato e na fineza do traço. Sexo abordado sem eufemismo. Os nus de Poty revelam uma objetividade seca, sem romantismo, muitas vezes o sexo como mercadoria. Emprestando a figura de Zola a respeito de Courbet, poderíamos dizer que Poty é um fazedor de carne. Não há galhardia, ele é direto. É muito mais o sexo sem beleza, ou a beleza do sexo como verdade. O que não o impede de guardar um tratamento formal, construtivo, que garante o erótico junto à animalidade, o erótico além do biológico. Poty não bane a natureza, ao mesmo tempo que abriga o espiritual. Encontra uma sacralidade no ser humano. O corpo humano é templo e casa, habitação.

O público tem nessa exposição a oportunidade de perscrutar Poty, um grande narrador, em uma experiência articulada por imagens. E não nos esqueçamos, “o grande narrador terá sempre as suas raízes no povo”

(Benjamin:75), lugar onde se ancora toda essa obra falante oriunda das mãos de Poty. Alguns se assustam. Mas o artista se dá é no meio da travessia. Percurso entre dois mundos.

Exposição: Poty, entre dois mundos
Museu Oscar Niemeyer, Curitiba.

Curadoria: Maria José Justino;
Assistente de curadoria: Juliane Fuganti.

Abertura 26 de outubro a 31 de dezembro de 2022.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRIAN, Sarase. *História da Literatura Erótica*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, 1991.

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BAUDELAIRE, Charles. *Les fleurs du mal*. Paris: Éditions Jean-Claude Lattés, 1987.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In *Textos Escolhidos*. São Paulo: Editor Victor Civita, 1975.

CASSIRER, Ernst. *Antropologia Filosófica*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1972.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GALIMBERTI, Umberto. *Rastros do Sagrado*. São Paulo: Paulus, 2003.

HEGEL. *A ideia e o ideal*. Lisboa: Guimarães Editores, 1959.

MELOTTO, Thalita; MARINHO, Marcelo. Arte, erotismo e representação do universo: da pintura rupestre a Manoel de Barros. In: Marinho, Marcelo. *Manoel de Barros: O Brejo e o Solfejo*. Brasília: Ministério da

Integração Nacional, UCDB, 2002.

SONTAG, Susan. A imaginação pornográfica. In *A Vontade Radical - Estilos*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

XAVIER, Valêncio. *Poty, Trilhos, Trilhas e Traços*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1994.

MARIA JOSÉ JUSTINO

Possui Mestrado em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1983), Doutorado em Estética e Ciências das Artes pela Universidade de Paris VIII (1991) e Pós-doutorado na EHESS-École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris) (2008). Atua na área de Filosofia (Estética) e em Artes, com ênfase em Artes Visuais. Atualmente, trabalha como curadora, crítica de arte e é professora-adjunta da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (UNESPAR). Entre suas obras, destacam-se *Guido Viaro/Um Visionário da Arte* (Editora do Museu Oscar Niemeyer, 2007). *Frans Krajcberg, a Tragicidade da Natureza pelo Olhar*

da Arte (Travessa dos Editores, 2005); *MusA Acervo do Museu de Arte da UFPR* (PROEC, 2002), organizadora; *O Banquete Canibal Modernidade em Tarsila do Amaral* (UFPR, 2002); *11 Anos de Cultura, Arte e Cidadania Festival de Inverno da UFPR* (PROEC, 2001), organizadora; *Seja Marginal, Seja Herói: Modernidade e Pós Modernidade em Hélio Oiticica* (Editora UPFR, 1999); *50 anos do Salão Paranaense* (SEEC-PR, 1995), organizadora. Em maio de 2013, lançou o livro *Mulheres na Arte. Que Diferença Isso Faz?* Por meio do estudo de artistas plásticas emblemáticas (como a mexicana Frida Kahlo e a brasileira Lygia Clark), a autora coloca em discussão a diferença de gêneros na arte.